

“PÁGINA CONFIDENCIAL”: ESCRITAS DE SI EM *VIDA CAPICHABA* (1925)

“PÁGINA CONFIDENCIAL”: *SELF-WRITING IN THE VIDA CAPICHABA PERIODICAL* (1925)

Grace Alves da Paixão
UFES

Resumo: Apresenta-se a seção “Página Confidencial”, do periódico *Vida Capichaba*, tendo o ano de 1925 como recorte temporal. Trata-se de pesquisa documental, com incursões na página, de modo a observar propósitos e características: registra-se a individualidade de escritores do Espírito Santo na década de 1920, a partir de um olhar subjetivo sobre si, e a presença marcante das mulheres. Espera-se contribuir com estudos sobre a literatura produzida no Espírito Santo e com pesquisas sobre escritas de si num contexto pouco explorado, além de dar visibilidade à produção de autoras brasileiras da primeira metade do século. Os resultados mostram a expressão de uma elite urbana em formação em um país em processo de modernização. Questões relacionadas ao gênero num tempo de papéis sociais demarcados pelo masculino e pelo feminino demonstraram-se relevantes nos textos analisados. Conta-se com suporte teórico-crítico de Silva (2017), Rangel (2011), Darnton (2010), Hall (2001), Rostoldo (2000), Ribeiro, (2000), Scott (1989), entre outros.

Palavras-chave: *Vida Capichaba*; Literatura espírito-santense; Escritas de si.

Abstract: *In this article, the section “Página Confidencial” of the periodical Vida Capichaba is presented, taking the year of 1925 as a time frame. It is a documentary research, with incursions on the page, in order to observe purposes and characteristics: the individuality of writers from Espírito Santo in the 1920’s is registered, from a subjective look at themselves, and the remarkable presence of women. It is expected to contribute with studies on the literature produced in Espírito Santo and with research on self-writing in a context that is not explored by literary studies, in addition to giving visibility to the production of Brazilian female authors from the first half of the century. The results show the expression of an urban elite in formation in a country in the process of modernization. Issues related to gender in a time of social roles demarcated by men and women proved to be relevant in the analyzed texts. It has theoretical-critical support from Silva (2017), Rangel (2011), Darnton (2010), Hall (2001), Rostoldo (2000), Ribeiro, (2000), Scott (1989), among others.*

Keywords: *Vida Capichaba*; Literature of Espírito Santo; self-writing.

A historiografia do Espírito Santo registra que a década de 1920, muito em virtude da cultura cafeeira, foi importante para o progresso do Estado (Oliveira, 2008). Nesse contexto, a revista ilustrada *Vida Capixaba* (1923-1957) fornece rico material sobre a recepção, circulação e produção da cultura em Vitória e os ares de progresso vivenciados por aquela geração, como destacam Lívia de Azevedo Silveira Rangel (2011) e Jadir Peçanha Rostoldo (2000). De modo particular, alguns autores espírito-santenses foram eternizados na seção “Página Confidencial”, inaugurada em 1925: cada edição trazia um convidado que respondia à mesma enquete, revelando aspectos de sua biografia, de suas percepções sobre o mundo e sobre si.

As enquetes de “Página Confidencial” não perfazem gêneros literários aos quais estamos mais habituados quando falamos de escritas de si, como a autobiografia ou a autoficção, mas se trata do inquerito, que é um “[...] gênero próprio da imprensa que se faz presente na vida literária não apenas com uma finalidade expositiva, mas, sobretudo, na promoção de debates culturais, literários e intelectuais [...]” (Silva, 2017, p. 17). Importa frisar que tal experiência permite vislumbrar tanto individualidades, quanto convergências de um grupo de escritores e, por adotar uma forma pouco estudada, apresenta desafios de leitura.

Neste trabalho, queremos nos debruçar sobre esta página, considerando apenas o ano de 1925, de modo a dar a ver o primeiro momento em que a proposta foi implementada e, talvez, ensejar trabalhos posteriores. Partindo do princípio de que “[...] os indivíduos são formados através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham” (Hall, 2001, p. 31), a “Página Confidencial” pode dar a ver elementos para perscrutar noções sobre ética, estética, arte e política partilhadas por aquela comunidade de escritores, bem como seus pontos de divergência.

Em 1925, participaram cinco homens e sete mulheres: Orlando Sette, Nilo Bruzzi, Luíz da Fraga Santos, Oswaldo Poggi, Garcia Rezende, Maria Antonieta Tatagiba, Guilly Furtado Bandeira, Julia Lacourt Penna, Juracy Machado, Eurydice d’Oreilly de Sousa, Ilza Etienne Dessaune e Haydée Nicolussi¹, não necessariamente nesta ordem. Na visibilidade conferida a este grupo, ainda que seja seletivo e que as respostas sejam curtas, temos acesso às suas vivências individuais e à circulação de ideias e literaturas, transferências culturais e a formação intelectual no início do século XX.

Chama-nos atenção que a revista tenha favorecido o acesso à intimidade daqueles que escreviam literatura e aberto espaço às mulheres escritoras, tradicionalmente alijadas dos espaços de expressão. Para Karina de Rezende Tavares Fleury (2015, p. 17):

Estas todas que elevaram bem alto a literatura capixaba novecentista se deixaram conhecer melhor publicamente na medida em que, na condição de autoras-narradoras-personagens, construíram-se sob a ótica do entrecruzamento da história e da ficção [...].

1. Trata-se de um grupo de escritores bastante conhecidos no cenário literário local da época e hoje praticamente desconhecidos do público leitor, a não ser pelos estudiosos de literatura capixaba da primeira metade do século XX. Alguns deles são citados por Reinaldo Santos Neves, em seu *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo* (2019). A maioria das mulheres consta no artigo “O Espírito Santo, as mulheres e suas literaturas”, do professor Francisco Aurélio Ribeiro (2000).

Compreende-se, desta maneira, que as páginas confidenciais agregam conhecimentos sobre as autoras (e obviamente também sobre os autores homens) do período, porque fazem parte de uma teia de escritos (ficcionais, poéticos, biográficos etc) que perfazem o ambiente intelectual vivenciado por aquela geração.

Fica evidente, no contato com o material, que levar em conta a identidade de gênero dos autores pode ser, nos termos de Joan Scott (1989, p. 19), um “[...] meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos [...]” e que, portanto, lançar um olhar para essas mulheres - escritoras capixabas da década de 1920 - pode contribuir para reflexões sobre a história da escrita de mulheres na América Latina, uma vez que se trata de um registro da memória da produção e recepção da literatura no Espírito Santo.

Concordamos com Darnton (2010, p. 150) quando afirma que o “[...] historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras [...]”. O elemento livro é insuficiente para contar a história literária de qualquer realidade e, portanto, ao observarmos os questionários de *Vida Capichaba*, procuramos uma outra visão do campo. A imprensa e os escritos feitos por mulheres abrem caminhos de análise que não costumam figurar nos manuais didáticos, nem nas historiografias literárias.

Para tanto, propomos fazer uma apresentação dos aspectos gerais desta seção, visando um leitor não familiarizado com o periódico *Vida Capichaba* e suas enquetes: o intuito é mostrar uma prática de escrita de si em um contexto pouco explorado pelos estudos de Literatura Brasileira. Além disso, queremos destacar as respostas dadas às questões relacionadas a hábitos de diversão (“Qual o divertimento que mais me atrai?”; “Aprecio a dança?”; “E o cinema?”; “Qual a minha ocupação favorita?”), as quais ensejam uma reflexão sobre a expressão de individualidades e práticas partilhadas.

Vida Capichaba revela um circuito de produção e recepção de culturas e literaturas, regido por normas simbólicas que podemos vislumbrar nas páginas confidenciais. Com isso, esperamos contribuir para os estudos da literatura brasileira produzida no Espírito Santo e motivar novos trabalhos que foquem ou tangenciam os assuntos correlatos aos que abordamos neste artigo.

O desvelar do feminino em “admiráveis syntheses, claras e incisivas”

Na edição n.º 48, *Vida Capichaba* anuncia a criação de uma nova seção:

Reportagens Confidenciais

Conformando-nos plenamente com as razões atenciosas de uma nossa *Leitora assídua*, já em nossa próxima edição esperamos poder publicar a nossa página inicial de “reportagens confidenciais”, a que vamos proceder, desejosos de “provar, numa época em que a mulher começa a demonstrar maiores aspirações que as de ser um bibelot de luxo, que a cultura e a distinção da capichaba são rivaes da sua beleza”. Nesse sentido, já estamos distribuindo os respectivos questionários. (Vida..., 1925c, p. [s.n.]²)

2. Optou-se por manter a grafia original nas citações do periódico *Vida Capichaba*.

O excerto deixa claro que partira de uma leitora a ideia da página. Com excertos entre aspas, fazendo crer que foram retirados de uma missiva recebida, eles expõem os objetivos da seção: provar que as mulheres tinham algo a dizer e que já não mais se contentavam em servir de adereço ou terem diminuídas suas faculdades intelectuais. Elas parecem se impor, marcando um novo tempo para o feminino: querem ver e serem vistas, ler e serem lidas. O interesse recai, portanto, sobre as escritoras locais. Vale mencionar que a Academia Espírito-santense de Letras havia acabado de ser inaugurada, em 1921, mas sem nenhuma escritora. Talvez por isso haja um esforço para dar-lhes visibilidade.

Ainda que haja registros de escritoras capixabas desde o século XIX, como Mariana da Conceição Barata e Adelina Tecla Correia, dentre outras (Ribeiro, 2000), a década de 1920 testemunha os primeiros movimentos de inserção da mulher nos espaços literários e, portanto, o início de um fenômeno que vai cada vez mais se expandir: a presença das mulheres em todos os âmbitos sociais. Ester Abreu Vieira de Oliveira (2000), por exemplo, ao observar as escritas das mulheres de língua espanhola, lembra que data do século XX a chegada delas aos espaços de fala e poder, tornando-se cada vez mais ativas e reconhecidas como dignas de respeito no âmbito da literatura.

Rangel (2011, p. 214), por sua vez, aponta a importância da “Página Confidencial” como documento histórico da apreensão das mulheres sobre o feminismo:

[...] sete mulheres responderam ao questionário e é somente por meio de suas respostas, dirigidas às perguntas levantadas pela enquete de 1925, que se pode conhecer e analisar um pouco mais sobre o que as mulheres capixabas pensavam sobre o feminismo, num período anterior a 1928 – ano em que o tema passou a ser explorado com maior profundidade, ainda que de forma intermitente, na revista *Vida Capixaba* [...].

Assim, a revista provoca um abalo nas tradicionais estruturas do sistema literário, todo organizado para e pelos homens. Na medida do possível, há uma transgressão assinalada nessas páginas, não somente em certas posturas discursivas das entrevistadas, mas no próprio ato de escrever. É preciso dizer que tal abalo já havia sido iniciado desde o século XIX e sobretudo na participação cada vez mais ativa de mulheres na imprensa, a partir do início do século XX, conforme descreve Francisco Aurélio Ribeiro (2000).

Com frequência, os editores reafirmavam o sucesso da empreitada, salientando o “[...] grande interesse com que esta seção está sendo lida e procurada” (Vida..., 1925b, p. [s.n.]). A aceitação da “Página Confidencial” demonstra vontade de conhecer os sujeitos e suas individualidades. Além de captar o aqui e o agora do cenário cultural e literário de Vitória, a seção funciona como uma vitrine onde se expunham. Seus idealizadores acreditavam na importância de dar visibilidade às escritoras. No n.º 58, afirmam:

Quando nos lembramos de vulgarizar, entre nós – no intuito de agilizar as águas tranquilas de nossa ambiência intelectual, trazendo-lhes à tona brilhantes valo-

res, que excessiva modéstia busca dissimular e esconder – o excellentes systemas das enquêtes literárias, já anteviamos as gratas surpresas e eloquentes revelações com que nos temos prazerosamente defrontado. (Vida..., 1925a, p. [s.n.]

Eles propuseram o instrumento com intenção de movimentar o cenário das Letras, fazendo com que diferentes atores, e sobretudo novas atrizes, fossem colocados no palco. Maria Antonieta Tatagiba, Guilly Furtado Bandeira, Julia Lacourt Penna já eram conhecidas do público leitor do periódico. Ao lado de Orlando Sette, Luiz da Fraga Santos e Nilo Bruzzi, são descritas como

[...] quantidades exponenciaes dentro de nosso pragmatismo cultural, cujos créditos firmes de veteranos nos dão a grande e honrosa alegria de te-los por colegas – não podiam surpreender a ninguém suas magníficas respostas, dadas às indiscrições dos nossos questionário” (Vida..., 1925a, p. [s.n.]).

Assim, afirmam que a exposição das escritoras, em especial a revelação de novas personalidades da vida cultural, como Juracy Machado, Eurydice d’Oreilly e Ilza Etienne Dessaune³, dá uma resposta “ao pessimismo, em questão de letras, quanto à nossa elite feminina [que era] negativo e desanimador” (Vida..., 1925a, p. [s.n.]).

Maria Antonieta Tatagiba (1925) - que será dois anos mais tarde a primeira capixaba a publicar um livro de poemas, segundo Francisco Aurélio Ribeiro (2000) - é a primeira a participar, desvelando algo de sua vida pessoal, de suas preferências literárias e de suas perspectivas sobre assuntos como moda, casamento e condição da mulher. Disposto na página, ao lado da fotografia do rosto da autora, está inserido um texto de apresentação da seção, escrito pelos editores:

A exemplo do que se pratica nos centros da mais requintada civilização espiritual, também queremos conceder às illustres compatriças – cuja cultura literária ou artística constitue formoso penhor da estima e acatamento, que todos lhes rendemos – o ensejo de nos demonstrarem, em admiráveis syntheses, claras e incisivas, as fulgurações de sua intelligencia e os rumos principaes de seus temperamentos. Para isso organizamos o seguinte inquérito, que já logrou lisonjeira acceitação das nossas gentis leitoras, a quem o cultivo das letras causa a maior e mais vibrante alegria.

[...]

Em seguida, esperamos que outras figuras singulares do nosso intellectualismo feminino illustrarão esta página – que envolve alta homenagem à Mulher espírito-santense, representada, literariamente, pelas suas figuras de eleição. (Vida..., 1925d, p. [s.n.]

Tanto o texto de apresentação da autora, quanto seu questionário respondido foram publicados no ano de 2019, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (NEPLES-Ufes), quando lançaram a versão digital de *Frauta Agreste* (Tatagiba, 2020). Esse fato

3. Em 1926, Ilza Etienne Dessaune, sob o pseudônimo de Flôr de Sombra, passará a assinar a coluna “Feminea”, de *Vida Capichaba*, em substituição a Lia, pseudônimo de Julia Lacourt Penna (Fleury, 2015).

demonstra que, no resgate de memória promovido pelo NEPLES, a “Página Confidencial” pareceu aos organizadores um documento valioso, muito provavelmente por ajudar a recompor perspectivas sobre uma das mais consagradas escritoras capixabas, em sua contemporaneidade e também pela posteridade.

Ao conceder a palavra às mulheres, a revista assume uma postura considerada moderna: atitude praticada nos centros “da mais requintada civilização”. É a imprensa europeia o exemplo para os padrões de comportamento, no Brasil de 1925. Assim, o periódico dialoga com um público implicado na modernização do estado do Espírito Santo e é peça fundamental na consagração de um grupo de autores e autoras. Por uma série de fatores que dizem respeito aos mecanismos de formação do cânone, muitos deles foram esquecidos pela posteridade.

O traço de modernidade está em dar voz - inicialmente apenas - às mulheres, fazendo com que elas falassem de si, a partir de um questionário pré-elaborado, tal qual os cadernos de perguntas popularizados pelos adolescentes dos anos 1990. Em respostas curtas, deviam mostrar “as fulgurações de sua inteligência”: não é a mulher tradicionalmente do lar que se quer evidenciar, mas as ilustres, inteligentes e literatas. Por isso, a seção oferece pistas sobre a condição da mulher escritora capixaba da época.

A apresentação da “Página Confidencial” (Vida..., 1925d) demonstra que se pretende homenagear as mulheres espírito-santenses como um todo: não apenas às escritoras e artistas, mas também às leitoras, que vibram e se alegram com o cultivo das Letras, segundo os editores (Vida..., 1925d, p. [s.n.]). A ideia parece ser a de alçá-las à condição de seres ilustrados e interessados em assuntos da Literatura e das Artes e, desse modo, apagar a pecha de povo atrasado.

No n.º 50, a revista afirma que a página já faz sucesso e reitera o perfil intelectual e literário das mulheres convidadas a participar:

[...] Nossa lembrança, instituindo esta pagina, para que nella se registrem, sob a feição, sempre interessante, das confidências literárias – sinceras e também convencionaes, como as outras – os ramos e nuanças de temperamentos femininos, que pertencem ao escol de nossa elite intellectual, tem logrado, venturosamente, o mais lisonjeiro exito.

[...] (Vida..., 1925e, p. [s.n.])

Considerar que as mulheres façam parte do topo da elite intelectual, voltar-se para as nuances de seu temperamento, dar-lhes a palavra e ouvi-las em relação a assuntos costumeiramente tratados por homens (como as Artes e a Literatura) são sinais de novos tempos para a inclusão do feminino em espaços de poder. E não podemos deixar de salientar que, após a inauguração da seção, não demorou muito para que os homens fossem inseridos neste espaço. Esse fato diz muito sobre a correlação de forças entre homens e mulheres nos lugares de expressão da própria voz.

Em suma, as páginas confidenciais de *Vida Capixaba* configuram-se como um espaço de memória: no canevas dessas experiências individuais, podemos alinhar a memória coletiva de autores que configuraram o cenário literário capixaba dos anos 1920 e mirar este trecho da histó-

ria pelo olhar de pessoas que viveram naquele tempo e espaço. Daí ser especialmente importante observar a perspectiva das mulheres sobre si e sobre seu tempo, um olhar diferente dos autores dos manuais de história e de literatura.

Sobretudo, é válido destacar que estamos diante de uma conquista das mulheres: poder registrar um olhar próprio sobre si. Sabemos que, pelo fato de elas terem sido historicamente oprimidas e destituídas das palavras (Castello, 2000), foram retratadas pelo olhar do homem. Em “Página Confidencial”, puderam elas mesmas falar de suas experiências e visões de mundo.

Desta feita, a imprensa mostra seu importante papel desde o final do século XIX no sentido de ser, conforme avalia Silva (2017, p. 11) “[...] a porta de entrada para a carreira nas letras, a possibilidade de tornar um escritor conhecido do público e dos críticos, mas também era o lugar efêmero [...]”. Por isso, a “Página Confidencial” teve importância naquela época e naquele contexto, porém ficou esquecida posteriormente e, atualmente, resgatá-la configura-se um trabalho que pode nos auxiliar a compreender aspectos da produção e circulação da literatura no período.

Um questionário para registrar as “confidências literárias”, “os ramos e nuances de temperamentos femininos”

Segundo Silva (2014, p. 17), “Página Confidencial” demonstra como, nas elites urbanas em ascensão na capital do Estado, “[...] os papéis tradicionalmente destinados à mulher, como o do matrimônio e o da maternidade, estavam dividindo espaço com as novas possibilidades que emergiam na cidade”. Por isso, estamos diante de uma geração de mulheres convidadas a pensar em assuntos além da casa e da criação dos filhos.

Com algumas variações, a seção apresenta um *layout* planejado da seguinte forma: (1) no topo da página, o título da seção em letras maiores; (2) logo abaixo, uma foto do convidado; (3) ao lado da foto, um texto curto de apresentação e anúncio da figura a participar na edição seguinte; e (4) o questionário respondido.

As apresentações registraram o olhar que se lançava sobre os escritores locais e fazem-nos observar os valores subjacentes ao reconhecimento de seus escritos. Com relação às mulheres, por exemplo, as lentes dos editores do periódico levam-nos a vê-las vibrantes, originais, admiráveis, impecáveis, sacerdotisas da poesia, emancipadas e livres. São verdadeiras laudações da verve feminina.

O questionário é composto por quarenta perguntas que englobam opiniões e gostos sobre moda, arte, literatura, o sexo oposto, dentre outros: um questionário eclético, cujos temas dizem respeito às inquietações do tempo.

Figura 01: “Página Confidencial” de Maria Antonieta Tatagiba

Vida Capichaba

PAGINA CONFIDENCIAL



SRA. MARIA ANTONIETA TATAGIBA.
nação a Mulher espírito-santense, representada, literariamente, pelas suas figuras de eleição.

QUESTIONARIO

Qual o traço predominante do meu carácter? — A franqueza: exposto sempre com sinceridade o que sinto e penso; por isso não posso a maleabilidade de genio necessaria para atuar na sociedade. O trato

Que qualidades prefiro no homem? — A firmeza de carácter, aliada ao cultivo do espirito.

Que virtudes louvo na mulher? — O amor ao trabalho e a coragem para vencer nas lides da vida.

A exemplo do que se pratica nos centros da mais requintada civilização espiritual, tambem queremos conceder as nossas illustres compatriotas—cuja cultura literaria ou artistica constitua formoso penhor da estima e acatamento, que todos lhes rendemos — o encargo de nos demonstrarem, em admiraveis syntheses, claras e incisivas, as fulgurações de suas intelligencias e os rumos principaes de seus temperamentos.

Para isso organizamos o seguinte inquerito, que já logrou lisonjeira accção das nossas gentis leitoras, a quem o cultivo das letras causa a maior e mais vibrante alegria.

Iniciamos a publicação desta pagina com as respostas, que deu ao nosso questionario a notavel e renomada escriptora Maria Antonieta Tatagiba, cujos termos impetoreis, mais de uma vez, tem realçado as paginas deste periodico, revelando a insigne sacerdotisa nos mysterios elevados da poesia, que, na sua lyra, é escruta favorita da arte e da belleza.

A esquite do numero proximo será respondida pelo nossa distincta conterranea, senhora Gully Furtado Bandeira, cuja penna, altiva e emancipada, tem o segredo das phrasas sorprendentes, que espelham a verdade, numa repulsa hostil a todos os convencionalismos, com que a hypocrisia humana não se farta de mascarar, incessantemente.

Em seguida esperamos que outras figuras singulares do nosso intellectualismo feminino illustrarão esta pagina—que envolve alta homenagem á Mulher espirito-santense, representada, literariamente, pelas suas figuras de eleição.

Fonte: **Vida Capichaba**. Vitória (ES), ano III, n. 49, p. [s. n.], 15 jul. 1925.

As perguntas são: (1) Qual o traço predominante do meu carácter? ; (2) Que mais me desagrada? ; (3) Qual o divertimento que mais me atrai? ; (4) E o *sport* de minha predileção?; (5) Qual meu principal defeito? ; (6) Qual erro merece a minha indulgência? ; (7) O que penso do *flirt*? ; (8) Que penso da sociedade? ; (9) Que qualidades prefiro no homem? ; (10) Que virtudes louvo na mulher? ; (11) Qual o tipo masculino que prefiro? ; (12) Que penso do casamento? ; (13) Que digo da moda? ; (14) Merecem-me simpatias os cabelos cortados? ; (15) Como defino o pudor? ; (16) Qual a minha opinião sobre o feminismo? ; (17) Que penso sobre a amizade? ; (18) Que conceito faço do amor? ; (19) Quais meus prosadores mais queridos?; (20) Os poetas de minha preferência? ; (21) Qual o meu ideal de felicidade?; (22) Quais as cores da minha simpatia?; (23) E as flores que prefiro?; (24) Que penso da música? ; (25) Aprecio a dança?; (26) E o cinema? ; (27) Qual o animal de minha maior estima?; (28) Qual a minha ocupação favorita?; (29) Qual a época em que desejaria ter vivido?; (30) Que digo das crianças?; (31) Que penso do ciúmes? ; (32) Quais os meus heróis favoritos? ; (33) E os que mais admiro?; (34) Quais os vultos da História que mais detesto?; (35) Qual prefiro: a formosa sem graça ou a feia graciosa?; (36) Qual meu perfume predileto?; (37) Gosta de joias?; (38) Quais as da minha preferência? ; (39) Qual a minha divisa?

Trata-se de questões deveras instigantes que apontam para reflexões de diversas ordens, as quais não podemos, em um único artigo, abordar suficientemente. A quantidade de questões e

temas permite-nos mirar assuntos específicos com vistas a compreender de que forma apreendia-se um mundo em rápida transformação. As respostas deixam entrever os embates entre o velho e o novo no despontar da modernidade brasileira. Por isso, abrem-se muitas possibilidades de pesquisa, uma vez que revelam-se complexidades, por meio de lentes únicas, carregadas de subjetividades.

Elpídio Pimentel, diretor do periódico, revela que o questionário fora formulado por uma mulher, “[...] uma das mais scintillantes frequentadoras das boas letras conterrâneas” (Pimentel, 1925, p. [s.n.]) e declara que, a partir do número seguinte, o espaço seria também aberto às respostas de homens. Ele reitera que as questões “são inteiramente femininas”. Dessa forma, observamos um mundo marcadamente dividido entre o feminino e o masculino, em que, para falar de si, não era esperado que homens e mulheres respondessem às mesmas perguntas. É emblemático que os homens, ao serem convidados, tenham sido advertidos de que as perguntas haviam sido criadas por uma mulher e tinham características femininas.

Assim, o conceito de gênero pode ganhar importância na análise da seção “Página Confidencial”, conquanto indica

[...] relações sociais entre os sexos. [...] uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado [...]. (Scott, 1989, p. 7)

No intuito de incentivar a participação de homens numa página pensada para dar voz às mulheres, os editores afirmam que “É esse um estudo ou demonstração flagrante – para ambos os sexos – de auto-psychologia e, por isso mesmo, é justificável o grande interesse com que esta seção está sendo lida e procurada” (Vida..., 1925f, p. [s.n.]). Embora se diga que se trata de um estudo válido igualmente para ambos os sexos, não podemos deixar de notar que na edição seguinte (Vida..., 1925g), bem como na edição n.º 57 (Vida..., 1925h), abandona-se o título “Página confidencial” e adota-se “Nossos inquéritos confidenciais” e “Página confidencial masculina”, respectivamente.

As alterações na nomenclatura não parecem aleatórias. Do n.º 49 ao n.º 51, enquanto a página era unicamente feminina, composta de um questionário feito por mulheres para ser respondido e lido por mulheres, a seção manteve o título “Página Confidencial”, associando o feminino ao confessional: aquilo que é secreto e íntimo e que só pode ser desvelado a poucos. Ainda com o mesmo título, Orlando Sette (1925) é o primeiro homem a responder às questões.

A participação masculina enseja tentativas de desvincular a página de algo unicamente feminino. A ideia de confidência é mantida, mas o uso do termo *inquérito* traz um termo mais assertivo, comumente relacionado aos inquéritos literários em voga na época e ao universo das investigações policiais: uma carga semântica considerada mais propícia a ser associada aos homens que falam de si e sobre assuntos importantes.

Contudo, a alteração não dura muito tempo e logo volta a se chamar “Página Confidencial”,

tanto para homens, quanto para mulheres. Claro, com os subtítulos “feminina” e “masculina”, que denotam uma evidente busca por demarcar territórios simbólicos definidos pelo gênero, numa sociedade calcada nos padrões definidos pelo binarismo homem-mulher.

Um inquérito (não somente) literário

“Página Confidencial” é herdeira direta dos inquéritos literários que estavam na moda na Europa desde o final do século XIX. Seus editores estavam empolgados com o projeto ao proclamarem: “E hão de conceder à *Vida Capichaba*, sem laivos de obséquio, o privilégio dessas revelações, de cujos exitos colhem os louros todos os bons elementos do intellectualismo feminino espírito-santense” (Vida..., 1925a, p. [s.n.]). Eles se referiam aos contemporâneos pessimistas em relação às produções das mulheres capixabas. Para nós, o “privilégio dessas revelações” tem o valor de mostrar elementos tradicionalmente não enfocados pela historiografia literária.

Não era novidade a ideia de fazer com que intelectuais respondessem a um questionário com vistas a registrar opiniões diversas sobre a literatura, numa tentativa de dar conta, nos dizeres de Schapochnik (2021, p. 3), “dos efeitos polifônicos da opinião pública”. Schapochnik (2021) afirma que as duas primeiras décadas do século XX podem ser vistas como uma verdadeira era dos inquéritos. Ele levanta algumas experiências pela imprensa paulista do início do século, e conclui que “[...] por volta dos anos 1920, o emprego deste procedimento foi se consolidando como uma solução bastante positiva para perscrutar diferentes dimensões da realidade” (p. 3).

Tal instrumento, segundo o autor, corresponde a um tempo de debates sobre as políticas culturais. Um exemplo desta moda no Brasil é a publicação, por João do Rio, do conjunto de entrevistas intitulado *O momento literário* (1908), inicialmente publicado no jornal *Gazeta de Notícias*. João do Rio (1908), afirma que:

O público quer uma nova curiosidade. As multidões meridionaes são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros symptomas da agitação e da nevrose. Ha parte do público uma curiosidade malsã, quasi excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores [...] (Rio, 1908, p. XI)

Suas palavras indicam um público curioso pela biografia dos autores. Assim como *O Momento literário* (Rio, 1908), *Vida Capichaba*, deixou-nos registros de como os autores viam a literatura da época, de como descreviam sua formação literária, e também deixa-nos vislumbrar como lidavam com assuntos não estritamente literários, mas ligados a outros campos da sociedade e da cultura da época.

Tal exposição da intimidade nem sempre é vista com naturalidade. Prova disso é o depoimento de Julia Lacourt Penna, publicado juntamente com seu questionário:

Apesar do escrupulo em me tornar evidente, envio-lhe as respostas do seu questionário. Permita-lhe dizer que algumas das suas questões são indiscretas e insi-

diosas. Para quem, como eu, quiz ser sincera, talvez haja risco ... honi soit qui mal y pense ... [...] (Penna, 1925, p. [s.n.]).

A jovem escritora, responsável pela coluna de moda do mesmo periódico sob o pseudônimo de Lia, manifesta constrangimento em mostrar sua intimidade, indicando que tal exposição não era algo corriqueiro. Mas não deixa de responder à enquete, inclusive, frisando a noção de sinceridade.

Pode-se observar a vida literária local e a formação intelectual daquele grupo e sua relação com os modos de viver e de se expressar diante das novas artes e danças do momento, num tempo de tensões entre papéis sociais femininos e masculinos. À guisa de exemplo, selecionamos a questão “Qual o divertimento que mais me atrai?”, cujas respostas permitem ver de que forma se referem ao tema *diversão*. Na leitura desses textos, a noção de gênero (enquanto elemento identitário) surge como um fator relevante a demarcar construções dos sujeitos que falam de si.

Maria Antonieta Tatagiba (1925) afirma não ser muito inclinada a divertimentos. Para, Guilly Furtado Bandeira (1925), o estudo é seu divertimento preferido. Julia Lacourt Penna (1925) diz que todos os divertimentos a atraem. Orlando Sette (1925) afirma ser “sportman théorico”, divertir-se vendo os outros se divertirem. Para Juracy Machado (1925), o carnaval é o seu divertimento e Nilo Bruzzi (1925) vê o baile como uma “feira livre de donzelas”: aborrecia-se com os divertimentos sociais. Eurydice d’Oreilly de Sousa (1925) diz não ter atração por divertimentos e os apreciar conforme a ocasião.

Luiz da Fraga Santos (1925) afirma dar preferência ao que ele chama de “divertimentos úteis”, sobretudo à natação. Ilza Etienne Dessaune (1925) diz que seu divertimento preferido é a dança e o “bom teatro”. Oswaldo Poggi (1925) assevera: “Que são bons, quando não pervertem a alma. A música é a minha distração predilecta. Desde o barulho musical do ‘jazz-band’ até o cantochão vagaroso e sonolento, todos os acordes me são agradáveis”. Haydée Nicolussi (1925) considera-se pouco acessível aos divertimentos, sua preferência nesse tema muda de acordo com seu estado de espírito.

Carnaval, dança, teatro, música, natação e estudo surgem como atividades realizadas. Observamos que sobretudo as mulheres preferiram não apontar um divertimento preferido, construindo a imagem de intelectuais, literatas, menos ligadas às questões consideradas supérfluas. As respostas dadas às questões “Aprecio a dança?”, “E o cinema?” e “Qual a minha ocupação favorita?” ajudam a complementar essas impressões e a observar o perfil que tais figuras construíram de si próprias diante do público leitor.

Maria Antonieta Tatagiba (1925) responde que aprecia a dança e o cinema às vezes e que sua ocupação preferida é ler. Para Guilly Furtado Bandeira (1925), a dança “[d]os bailados [...] tornam os pés leves e [...] dão a impressão de um voo”, mas não aprecia o cinema, em virtude do ambiente de “ares viciados”; suas ocupações preferidas são estudar, ler, pensar, observar. Julia Lacourt Penna (1925) afirma que aprecia a dança e o cinema “imensamente” e que sua ocupação preferida era ensinar.

No questionário respondido por Orlando Sette (1925), não consta a pergunta sobre a dança

e o cinema. À questão sobre a ocupação favorita, responde que é dormir: em praticamente todas as suas respostas, o poeta parece querer provocar o choque ou o riso. Às duas questões, Juracy Machado (1925) responde: “Pouco: como complemento de educação - Tanto quanto Ruy Barbosa”. Eurydice d’Oreilly de Sousa (1925) aprecia a dança e diz que só frequenta o cinema por falta de outras opções de divertimento, além disso, afirma que sua ocupação favorita é trabalhar e, nas horas vagas, ler.

Também não constam as perguntas sobre a dança e o cinema no questionário de Luiz da Fraga Santos. Sobre a ocupação favorita, ele responde: “Fazer ‘o que fazia o patriarcha Adão antes de comer do fructo prohibido’ - Há perguntas que nos enchem a boca d’água...” (Santos, 1925, p. [s.n.]). A conotação sexual, à época, somente os homens teriam a liberdade de evocar.

Ilza Etienne Dessaune (1925) afirma que gosta de todos os tipos de dança e também de cinema. Ela se pergunta o que seria de um habitante de Vitória se não gostasse, dando a entender que o cinema era uma das únicas diversões daquela geração. Quanto à ocupação preferida: ler e pintar. Nillo Bruzzi (1925) diz que sua ocupação preferida é se colocar a serviço do próximo: traço de sua formação cristã presente em quase todo seu inquérito.

Haidée Nicolussi (1925) afirma seu gosto pela dança e pelo cinema: a dança, “por todas as imagens fantásticas que sugere no momento”; e o cinema, “pela Fantasia ou pela Verdade”. E sua ocupação de predileção é “qualquer trabalho espiritual”. Dessa forma, dança e cinema são apreciados pela autora não enquanto mero divertimento, mas enquanto arte a ser contemplada e criticada. Assim como as outras mulheres que responderam ao inquérito, a ocupação está relacionada ao aperfeiçoamento do espírito e do intelecto.

Garcia de Resende (1925) segue tendência dos homens: lança um chiste ao afirmar que gosta de dançar, mas prefere dançar mal apenas para aborrecer uma “dansarina pretenciosa”; diz sonhar em não exercer nenhuma ocupação profissional. Ao que tudo indica, os homens lançaram mão de um humor que feria a moral social da época, quebrando expectativas possivelmente construídas acerca do que é esperado pelos representantes de uma elite intelectual e social.

Concordamos com Scott (1989, p. 23), quando afirma que o gênero é um “[...] meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana [...]” e isso é evidente no confronto entre as atitudes de homens e mulheres diante do questionário.

Perguntamo-nos: na jocosidade empregada pelos homens, estaria estampada uma minimização do elemento feminino? Em outras palavras: por ser uma seção feminina, feita por e para mulheres, esses homens não teriam levado o questionário a sério, permitindo-se o chiste e a *blague*, o choque e a quebra de expectativas? À medida que o gênero é fundamental para a construção da imagem pública, aqui o gênero masculino engendra uma forma de falar de si que pretende afirmar o lugar social da masculinidade.

As mulheres, sobretudo, revelam a construção social de uma imagem não tradicional do feminino: à delicadeza, às amenidades, ao simples divertimento, aos assuntos do lar e banalidades e à ideia de seres pouco dados à intelectualidade opõe-se o perfil de mulheres que aprendem e en-

sinam, leem, trabalham, pintam e têm um olhar crítico sobre as artes, como dança e cinema. Aqui, a operação é diferente da dos homens: sabendo-se do gênero oprimido, esforçam-se por se mostrar além das expectativas socialmente construídas sobre elas.

As respostas dos homens, como um todo, e sobretudo as de Orlando Sette (e caberia um trabalho exclusivo para perscrutar sua participação em “Página Confidencial”), indicam que eles lidaram mais livremente com a percepção de que o sujeito, no início da pós-modernidade, revelava-se fragmentado, complexo, mais dominado pelo inconsciente do que pela razão e, portanto, pouco conhecedor de si mesmo. Parecem mais preocupados em mostrar-se autênticos do que sinceros, e mais ocultam do que expõem.

Para Paula Sibilia (2008, p. 105), esse é um traço mais recente das escritas de si: “[...] uma subjetividade mais contraditória, descentrada e fragmentada, que, apesar de todos os esforços de autoconhecimento, renuncia à pretensões de ser sincero acerca de quem se é”. Assim, não podemos ser ingênuos diante de tais confissões: elas registram a memória de indivíduos e revelam aspectos de um tempo, mas são construções discursivas que apontam para papéis sociais.

Algumas considerações sobre a “Página Confidencial”

Há muitos traços dos inquéritos de *Vida Capixaba* a serem explorados. Neste artigo, apresentamos uma perspectiva geral da seção no ano de 1925, dando a ver uma peculiar forma de escrita de si num periódico pouco estudado e, além disso, nos detivemos em algumas das questões respondidas pelo grupo. Há outras questões que podem ser exploradas e revelar tantos outros elementos não enfocados neste trabalho. Procuramos registrar um tipo de inquérito promovido pela imprensa de Vitória, que ensejou a expressão pessoal de várias personalidades do meio intelectual e cultural capixaba dos anos 1920.

A ideia dos questionários já era adotada pela imprensa desde o final do século XIX. A moda começara na Europa e logo fora adotada pelos jornais e revistas do Brasil. O que nos chama particularmente a atenção em *Vida Capixaba* é que algumas das questões versam sobre temas que permitem que tenhamos acesso a aspectos pessoais. Isto é, os questionários não são unicamente voltados aos temas da literatura, mas abrangem opiniões sobre a sociedade, a cultura, as artes e a literatura.

Podemos olhar individualmente para cada um dos questionários respondidos e observar de que modo cada autor se mostra em relação a assuntos em voga no momento, tais como feminismo, divórcio, casamento, valores e modos de interação social. E também podemos traçar um perfil do grupo, buscando o que há de semelhante em suas perspectivas de mundo, de arte, de literatura. Trata-se de um grupo homogêneo em relação à classe social a que pertencem (o que implica um recorte racial e educacional), contudo, há individualidades relevantes, o que revela complexidades na relação dos sujeitos com o mundo que os cerca.

Nesses documentos, as questões relacionadas ao gênero são bastante relevantes. O questionário fora sugerido e elaborado por uma mulher e idealizado para ser respondido por mulheres. Entretanto, alguns homens também participam da “Página Confidencial”, quando são con-

vidados a também responderem às mesmas perguntas. A forma como a participação masculina é tratada revela um universo de papéis sociais demarcados pelo masculino e pelo feminino, assim como as respostas mostram diferenças entre posturas femininas e masculinas que, neste artigo, foram apenas tangenciadas.

Os questionários também podem ser analisados numa perspectiva social: trata-se de uma expressão da elite urbana em formação, num Brasil ávido por modernização. Ainda era recente a memória de um país colonizado, escravocrata, rural, atrasado. Era presente, na década de 1920, a ideia de que as elites “ilustradas” iriam erigir um novo país: leitor, letrado, culto. Não podemos esquecer que a Europa – idealizada por nossas classes abastadas – perfazia esse ideal. Nesse novo país, era valorizada a ideia de haver pessoas ilustradas. Uma nova mulher passa a figurar na sociedade: a letrada.

Ressaltamos o papel da imprensa na veiculação da imagem dessas mulheres, conforme aponta Fleury (2015, p. 179):

É na interseção, no entrelugar que viveram as mulheres à frente de seu tempo. A escolarização, a profissionalização e depois o acesso à imprensa abriram as portas para que as mulheres pudessem se colocar no espaço público, inicialmente de maneira tímida e ainda contida aos acordos impostos pelos ideais do patriarcado, como é o caso de Ilza Etienne Dessaune e outras [...].

Ocupando os espaços que puderam ocupar, elas souberam abrir os caminhos possíveis de serem abertos naquele tempo. Podemos não ter acesso direto às suas identidades enquanto sujeitos que viveram em um tempo e em um espaço definidos, mas por meio dos questionários entramos em contato com as construções discursivas de que lançaram mão para performar em sociedade.

Com este trabalho, esperamos contribuir para as pesquisas sobre escritas de si, de um modo geral. E, de modo específico, colaborar com pesquisas sobre a literatura brasileira produzida no Espírito Santo. Em especial, a literatura produzida nesse Estado na década de 1920 é pouco estudada e, por isso, almeja-se lançar luz sobre contextos e temas pouco explorados pelos estudiosos de Literatura Brasileira. Espera-se, assim, incentivar pesquisas futuras que toquem nos assuntos aqui discutidos.

Referências

BRUZZI, Nilo. Nossos inquéritos Confidenciaes. Página Masculina. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 53, p. [s. n.], 20 set. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00053.pdf . Acesso em: 12 out. 2022.

BANDEIRA, Guilly Furtado. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 50, p. [s. n.], 31. jul. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00050.pdf . Acesso em: 11 out. 2022.

CASTELLO, Maria Cristina Magalhães. A representação da mulher em quatro momentos da literatura brasileira. In: RIBEIRO, Francisco Aurélio (Org.). *Literaturas e marginalidades*. Vitória: PPGL, 2000. p. 92-104.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

DESSAUNE, Ilza Etienne. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 56, p. [s. n.], 30 out. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00056.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *Sobre modos e moda: a escritura de Emília Pardo Bazán e Ilza Etienne Dessaune*. Tese (Doutorado). 252 f. Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, Reinaldo Santos. Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo. 2ª Ed. Vitória: Estação Capixaba; Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo; Editora Cândia, 2019. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>>. Acesso em 16 mai. 2023.

MACHADO, Juracy. Nossos inquéritos Confidenciaes. Página Feminina. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 53, p. [s. n.], 20 set. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00053.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

NICOLUSSI, Haydée. Página Confidencial Feminina. *Vida Capichaba*. Vitória, ano III, n. 58, p. [s.n], 30 nov. 1925a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00058.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Um olhar sobre o amado. In: RIBEIRO, Francisco Aurélio (Org.). *Literaturas e marginalidades*. Vitória: PPGL, 2000.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3ª Ed. Vitória: Secretaria do Estado da Cultura, 2008. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Livro_Historia_ES.pdf>. Acesso em 23 mai. 2023.

PENNA, Julia Lacourt Penna. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 51, p. [s. n.], 15 ago. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00051.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.

PIMENTEL, Elpídio. [Cada vez mais nos convencemos]. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 51, p. [s. n.], 15 ago. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00051.pdf . Acesso em: 11 out. 2022.

POGGI, Oswaldo. Página Confidencial Masculina. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 57, p. [s. n.], 20 set. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00057.pdf . Acesso em: 13 out. 2022.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. “*Feminismo Ideal e Sadio*”: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas – Vitória/ES (1924 a 1934). Dissertação (Mestrado). 268f. Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3464/1/tese_4647_L%C3%ADvia_de_Azevedo_Silveira_Rangel.pdf >. Acesso em: 14 ago. 2022.

RESENDE, Garcia de. Página Confidencial Masculina. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 59, p. [s. n.], 25 dez. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00059.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. O Espírito Santo, as mulheres e suas literaturas. In: _____ (Org.). *Literaturas e marginalidades*. Vitória: PPGL, 2000. p. 48-69.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: livraria Garnier, 1908. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008011&bbm/1977#page/6/mode/2up> >. Acesso em: 12 set. 2022.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. *Vida Capichaba*: o retrato de uma sociedade - 1930. *Dimensões. Revista de História da Ufes*, Vitória, v. 11, p. 269-281, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2344> >. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTOS, Luiz da Fraga. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 55, p. [s. n.], 15 out. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00055.pdf . Acesso em: 17 out. 2022.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A era dos Inquéritos: Livros, Leitura e Leitores em São Paulo, Anos 1920. *EDUR Educação em Revista*, n. 37, p. 1-21, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/7XH4NRk57w4N9zmQNgk9dSP/>>. Acesso em 10 ago. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. New York: Columbia University Press, 1989. p. 1-35. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjcgclclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan-Scott.pdf>

an%20Scott.pdf >. Acesso em: 16 mai. 2023.

SETTE, Orlando. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 52, p. [s.n.], 30 ago. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00052.pdf . Acesso em: 11 out. 2022.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Wanessa Regina Paiva da. *O sorriso e a tormenta: inquéritos culturais e vida literária (1930-1945)*. 236 f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/6196> >. Acesso em: 19 jun. 2023.

SILVA, Cecília Nunes da. *Entre o matrimônio, a beleza, a moda e esportes: imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1925-1939)*. Dissertação (Mestrado). 131 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1315/1/Dissertacao.Cecilia%20Nunes%20da%20Silva.pdf> >. Acesso em: 05 ago. 2022.

SOUSA, Eurydice d'Oreilly. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 54, p. [s. n.], 30 set. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00054.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

TATAGIBA, Maria Antonieta. Página Confidencial. *Vida Capichaba*. Vitória (ES), ano III, n. 49, p. [s. n.], 15 jul. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00049.pdf . Acesso em: 06 out. 2022.

TATAGIBA, Maria Antonieta. *Frauta Agreste*. Edição modernizada de Paulo Roberto Sodré. Vitória: Editora Cândida, 2020. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2020/09/Frauta-agreste-de-Maria-Antonieta-Tatagiba.-Neples-set.-2020.pdf> >. Acesso em: 05 mai. 2023.

VIDA CAPICHABA. [A Vida Capixaba ahi está...]. Vitória (ES), ano I, n. 1, p. [s.n]. 1923. In: ESTACÃO capixaba. Disponível em: <https://issuu.com/mariacaramedeiros7/docs/vida_capichaba__n.1/36 >. Acesso em: 30 jul. 2022.

VIDA CAPICHABA. [Quando nos lembramos...]. Página Confidencial Feminina. Vitória, ano III, n. 58, p. [s.n], 30 nov. 1925a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00058.pdf >. Acesso em: 02 jul. 2022.

VIDA CAPICHABA. [Abrimos hoje...]. Página Confidencial. Vitória, ano III, n. 52, p. [s.n], 30 ago. 1925b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00052.pdf >.

Acesso em: 03 jul. 2022.

VIDA CAPICHABA. [Conformando-nos plenamente...]. Reportagens Confidenciaes. Vitória (ES), ano III, n. 48, p. [s. n.], 30 jun. 1925c. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00048.pdf. Acesso em: 06 out.2022.

VIDA CAPICHABA. [A exemplo do que se pratica]. Página Confidencial. Vitória (ES), ano III, n. 49, p. [s. n.], 15 jul. 1925d. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00049.pdf . Acesso em: 06 out. 2022.

VIDA CAPICHABA. [Nossa lembrança...]. Página Confidencial. Vitória (ES), ano III, n. 50, p. [s. n.], 31. jul. 1925e. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00050.pdf . Acesso em: 11 out. 2022.

VIDA CAPICHABA. [Abrimos, hoje, um hiato...]. Página Confidencial. Vitória (ES), ano III, n. 52, p. [s. n.], 30 ago. 1925f. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00052.pdf . Acesso em: 11 out. 2022.

VIDA CAPICHABA. Nossos inquéritos Confidenciaes. Página Feminina. Página Masculina. Vitória (ES), ano III, n. 53, p. [s. n.], 20 set. 1925g. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00053.pdf . Acesso em: 12 out. 2022.

VIDA CAPICHABA. Página Confidencial Masculina. Vitória (ES), ano III, n. 57, p. [s. n.], 20 set. 1925h. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00057.pdf . Acesso em: 13 out. 2022.

Grace Alves da Paixão

Professora adjunta na Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Realizou pesquisa de pós-doutoramento e de capacitação sobre a presença francesa em *Vida Capichaba*. Desde 2018, vem realizando pesquisas sobre a literatura brasileira produzida no Espírito Santo, com foco no periódico *Vida Capichaba*.

Recebido em 20/06/2023

Aceito em 25/10/2023.